

# Notas sobre “Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe”<sup>1</sup>, de Roman Jakobson

STEFANIA MONTES HENRIQUES

Graduada em Letras (Licenciatura Português- Francês) do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Desenvolveu Iniciação Científica sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eliane Mara Silveira. e-mail: temontess@gmail.com

**Resumo:** Nosso objetivo neste artigo é expor algumas considerações sobre o processo de referência e a maneira com que essa questão é percebida pelo linguista Roman Jakobson. Apesar de constatarmos em nossas leituras que Roman Jakobson negou, na maioria de seus trabalhos, a relação entre as palavras e as coisas, percebemos que no artigo “Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe” há uma aproximação da teoria jakobsoniana dos *embrayeurs* com a noção de nome próprio e com a teoria das descrições de Bertrand Russell. Essa relação leva-nos à conclusão de que o nome próprio proporciona a possibilidade de se pensar, na linguística, na questão da referência na linguagem.

**Palavras-chave:** referência; dêiticos; Jakobson; linguística.

**Abstract:** Our objective in this paper is to expose some considerations on the process of reference and the way in which this matter is perceived by the linguist Roman Jakobson. Although we have found out in our readings that Roman Jakobson denied, in most of his works, the relation between the words and the things, we also perceived that in his article “Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe”, there is an approach among the Jakobsonian theory of the *embrayeur*, the notion of proper name and the theory of description by Bertrand Russell. This relation leads us to the conclusion that the proper name provides the possibility to think, in Linguistics, the matter of reference in language.

**Keywords:** reference; deictics; Jakobson; linguistics.

## Introdução

O Círculo Linguístico de Praga surge com a publicação das *Teses de 1929*, resultado de uma ação conjunta entre estudiosos que tinham como objetivo principal o estudo da poética e sua relação com o significante. Dentre os participantes desse Círculo, esta-

---

<sup>1</sup> Traduzimos o título do artigo para “Os dêiticos, as categorias verbais e o verbo russo” apesar de a correspondência entre os termos “dêiticos” e “embrayeurs” talvez não seja exata.

va Roman Jakobson, linguista russo que, em seus estudos, abarcou inúmeros temas relacionados à língua e à sociedade, tais como a fonologia, as afasias de linguagem, a relação da linguística com as outras ciências, a aquisição da linguagem e a semiótica. Foram cerca de seiscentos livros e artigos publicados e, por tal motivo, investigar a teoria de Jakobson ou fazer uma introdução ao seu pensamento, exige a realização de um recorte teórico, tendo em vista a impossibilidade de abarcá-lo em sua totalidade.

O objetivo principal desse tópico é, portanto, explicitar de que maneira a relação de referência é percebida pelos estudiosos do Círculo Linguístico de Praga e, ainda, como Roman Jakobson concebe a categoria dos shifters/embrayeurs e a relação entre os nomes e as coisas. Dessa forma, explicitaremos a segunda tese do Círculo Linguístico de Praga e, posteriormente, os seguintes artigos de Jakobson: *A linguagem comum dos linguistas e dos antropólogos* (1952), *Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe* (1957) e *Aspectos linguísticos da tradução* (1959).

Nas *Teses de 1929*, o problema da referência e da significação não ocupa um lugar privilegiado. Nas poucas menções à semântica, não é possível afirmar que ela possua, de fato, um lugar delimitado nas considerações do Círculo Linguístico de Praga: a significação é colocada como aspecto distintivo dos fonemas ou como parte da função das formas de “diferenciar as significações” (cf. BARBI, 2003, p. 30). Dessa forma, fica evidente que os linguistas de Praga não estavam preocupados com a negação/afirmação da relação entre as palavras e as coisas e, sim, com a relação entre a poética, a língua e o papel desempenhado pelos fonemas nessa relação.

Entretanto, na segunda tese, há um tópico intitulado *Pesquisas sobre a palavra e o agrupamento das palavras* (1978), no qual é explicitada a *Teoria das Denominações Linguísticas*. É especificamente nessa parte que a questão da relação entre as palavras e as coisas é colocada, recebendo um tratamento diferente daquele dado por Émile Benveniste e Ferdinand de Saussure. Isso porque não é a noção de referência que é colocada e, sim, a noção de *decomposição*: “(...) pela atividade denominadora, a linguagem decompõe a realidade, seja ela externa ou interna, real ou abstrata, em elementos linguisticamente apreensíveis” (GUINSBURG, 1978, p. 25-26). Se a linguagem decompõe a realidade, somos levados a afirmar que, obviamente, haveria dois planos distintos: a linguagem e a realidade. A relação estabelecida entre os dois dar-se-ia na medida em que é pela linguagem que conseguimos apreender a realidade que nos cerca, decompondo elementos do mundo e transformando-os em signos para que seja possível estabelecer o processo de comunicação entre os falantes de uma língua, intermediado pelo mundo.

Um ponto que deve ser ressaltado é que, segundo os linguistas de Praga, cada língua tem formas distintas de decompor o mundo utilizando-se de procedimentos variados. Segundo Barbi (2003), na tese das denominações linguísticas,

defende-se que cada língua faz uma diferente leitura da realidade (diferentes interpretações da mesma realidade), ou seja, cada língua, de uma maneira singular, ao seu próprio modo, acaba decompondo a realidade em elementos linguisticamente compreensíveis (BARBI, 2003, p. 30).

Seria, portanto, por intermédio do processo de decomposição que uma deter-

minada língua efetua na realidade que seu vocabulário seria formado. Essa constatação pressupõe, portanto, que língua e realidade mantêm uma relação e, ainda, que a primeira é formada a partir da decomposição da segunda.

Entretanto, a relação de referência seria determinada de maneira distinta daquela proposta pela Lógica, tendo em vista que cada língua tem, segundo os linguistas de Praga, uma maneira singular de “ler” o mundo e não uma maneira comum de fazê-lo. Não há, desse ponto de vista, necessidade de nos preocuparmos com a relação de referência, visto que ela aparenta ser tão óbvia que não carece de maiores explicações nas *Teses de 1929*.

### *A referência na teoria de Roman Jakobson*

Se nas teses do Círculo Linguístico de Praga a questão da relação entre linguagem e realidade não parece ocupar um lugar importante, em alguns artigos de Jakobson, o assunto é exposto e criticado várias vezes. No artigo “A Linguagem comum dos linguistas e dos antropólogos” (1952), por exemplo, Jakobson faz uma crítica explícita à teoria ingênua da referência. Essa teoria afirma que o sentido de um nome próprio é o objeto que ele designa. Assim o nome próprio Jonathan Swift, por exemplo, teria como significado o próprio Jonathan Swift.

Para consolidar sua crítica, Jakobson (1952) cita a passagem da obra *As Viagens de Gulliver* de Jonathan Swift, na qual um sábio afirma que se as palavras são substituídas das coisas, seria mais fácil carregar todos os objetos dos quais falamos. É óbvio que esse tipo de comportamento traria grandes dificuldades ao falante e restringiria a quantidade de assuntos dos quais ele poderia falar. Não seria possível, assim, falar sobre todos os leões ou todos os animais de estimação do mundo, por exemplo, já que não há a possibilidade de carregar todos esses indivíduos ao mesmo tempo.

O que é perceptível nesse artigo é que, em muitos momentos, há uma aproximação do que seria o conceito saussureano de *valor*, tendo em vista que Jakobson dá importância ao aspecto diferencial dos elementos linguísticos. Para o autor, toda significação linguística é diferencial. As significações linguísticas são diferenciais no mesmo sentido em que os fonemas são unidades fônicas diferenciais (JAKOBSON, p. 29, s.d). Assim, a significação seria obtida por intermédio da relação estabelecida entre os signos de uma língua. A aproximação dessa afirmação com a noção saussureana de valor dá-se na medida em que, em ambos os casos, o funcionamento do sistema linguístico baseia-se em diferenças, sem a intervenção de qualquer ideia que seja preestabelecida. Segundo Barbi (2003), a palavra “significado”, no texto de Jakobson, tem um sentido muito próximo ao de Saussure: é algo que se institui por meio do jogo das diferenças.

Se considerarmos que Jakobson aproxima-se de Saussure no que diz respeito ao funcionamento do sistema linguístico, podemos afirmar que, obviamente, a referência não fazia parte de suas considerações sobre a língua, e as críticas seriam direcionadas aos filósofos da linguagem que se detinham na relação entre as palavras e as coisas. Esse é o caso do artigo *Aspectos Linguísticos da Tradução*, que é iniciado com uma crítica

à teorização de Bertrand Russell sobre a denotação:

Segundo Bertrand Russell, “ninguém poderá compreender a palavra “queijo” se não tiver um conhecimento não-linguístico de queijo”. Se, entretanto, seguirmos o preceito fundamental do próprio Russell e dermos “relevo aos aspectos linguísticos dos problemas filosóficos tradicionais”, seremos então obrigados a dizer que ninguém poderá compreender a palavra queijo se não conhecer o significado atribuído a essa palavra no código lexical do português (JAKOBSON, p. 63, s.d).

A crítica se baseia no fato de que um falante de qualquer língua pode ter acesso ao significado de “queijo” por intermédio de outro signo, o que exclui a necessidade de conhecer empiricamente o objeto *queijo*. Os nomes ficcionais também seriam inseridos nessa perspectiva na medida em que não fazem referência a um objeto real e, mesmo assim, têm seus sentidos assimilados pelos falantes de uma língua. Ao dizer, por exemplo, o nome próprio “Sherlock Holmes”, sabemos que ele é um detetive famoso por resolver grandes mistérios utilizando-se de sua inteligência e de sua capacidade dedutiva. Entretanto, sabemos que ele é um personagem e não existe na realidade. Assim, Jakobson (1959) afirma que

para o linguista como para o usuário comum das palavras, o significado de um signo linguístico não é mais que a sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo “no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo” (JAKOBSON, 1959, p. 64).

Percebe-se, portanto, que Jakobson (1959) nega a interferência da referência na constituição do significado das palavras, o que implica uma concepção de significado interna, dada por intermédio das relações estabelecidas entre os signos dentro do sistema.

Apesar de essa perspectiva estender-se em vários artigos de Jakobson, é no artigo *Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe* (2003), que o autor coloca de maneira explícita a questão dos nomes próprios e dos embrayeurs/shifters:

1.3. C/C) Les noms propres, que Gardiner, dans son essai “polémique”, présent comme un des problèmes les plus épineux de la théorie du langage, prennent une place particulière dans notre code linguistique : la signification générale d’un nom propre ne peut se définir en dehors d’un renvoi au code. Dans le code de l’anglais, « Jerry » signifie une personne nommée Jerry. La circularité est évident : le nom désigne quiconque porte ce nom. L’appellatif « chiot » désigne un jeune chien, « bâtard » désigne un chien de race mêlée, « lévrier » un chien utilisé dans les courses, mais « Fido » ne désigne ni plus ni moins qu’un chien qui s’appelle « Fido ». La signification générale de mots tels que « chiot », « bâtard », ou « lévrier » pourrait être indiquée au moyen d’abstractions telles que « la bâtardise », ou de périphrases comme « jeune chien »,

« chien utilisé dans les courses », mais la signification générale de « Fido » ne peut être qualifiée de la sorte. Paraphrasant Bertrand Russell, nous dirons que si beaucoup de chiens s’appellent « Fido », ils n’ont en commun aucune propriété spéciale de « fidoïte » (JAKOBSON, p. 177-178, 2003).<sup>2</sup>

É válido afirmar que Jakobson parece admitir que a categoria dos nomes próprios ocupa um lugar particular no domínio do código linguístico, tendo em vista que se referem às pessoas que são nomeadas por eles. Dessa forma, a categoria dos nomes próprios se distancia dos signos linguísticos cunhados por Saussure como negativos e diferenciais, tendo em vista que pertencem ao sistema linguístico, mas são carregados de positividade. Daí a diferença entre “gato” e “cão”, de um lado, e “Maria” e “João”, de outro. Segundo Jakobson “gato”, por exemplo, poderia ser substituída por “felino doméstico”, categoria à qual todos os gatos pertenceriam. Entretanto, o mesmo não se pode fazer com “João”, tendo em vista que, mesmo que muitas pessoas sejam chamadas por esse nome, elas não possuem uma propriedade de “joãozisse” que faça com que elas sejam enquadradas em um determinado grupo. É perceptível que, se Jakobson parte do pressuposto de que as significações são diferenciais – como dissemos anteriormente –, então os nomes próprios não estariam incluídos, em um primeiro momento, nessa rede de relações linguísticas.

No que diz respeito à categoria dos dêiticos, temos que a definição de *embrayeurs* está em consonância com as definições dos outros autores citados nesse artigo: é uma categoria linguística que só adquire significado em relação com o contexto em que é produzida. Assim, Jakobson(2003) explicita que

les embrayeurs combinent les deux fonctions et appartiennent ainsi à la classe des symboles-index. [...] d’un côté, le signe « je » ne peut représenter son objet sans lui être associé « par une règle conventionnelle », et dans des codes différents le même sens est attribué à des séquences différentes, telles que « je », « ego », « ichi », « I », etc. : donc « je » ne peut représenter son objet s’il n’est pas « dans une relation existentielle » avec

---

<sup>2</sup> 1.3. C/C) Os nomes próprios que Gardiner, em seu ensaio “polêmico”, apresenta como um dos problemas mais espinhosos da teoria da linguagem, ocupam um espaço particular em nosso código linguístico: a significação geral de um nome próprio não pode ser definida fora de uma referência ao código. No código do inglês, “Jerry” significa uma pessoa nomeada Jerry. A circularidade é evidente: o nome designa o portador desse nome. A denominação “cachorrinho” designa um jovem cachorro, “vira-lata” designa um cachorro sem raça definida, “galgo” um cachorro utilizado em corridas, mas “Fido” não designa nem mais nem menos que um cachorro que se chama “Fido”. A significação geral de palavras tais como “cachorrinho”, “vira-latas”, ou “galgo” poderia ser indicada por meio de abstrações tais como “a vira-latisse”, ou de perífrases como “jovem cão”, “cachorro utilizado em corridas”, mas a significação geral de “Fido” não pode ser qualificada dessa forma. Parafraçando Bertrand Russell, diremos que se vários cachorros se chamarem “Fido”, eles não possuem em comum nenhuma propriedade especial de “fidoidade” [tradução minha].

cet objet : le mot « je » désignant l'énonciateur est dans une relation existentielle avec l'énonciation, donc il fonctionne comme une index.<sup>3</sup> (JAKOBSON, 2003, p. 179)

É necessário que nos detenhamos um instante nessa afirmação. Em primeiro lugar, cabe explicitar algumas definições cunhadas inicialmente por Charles S. Peirce<sup>4</sup>, e utilizadas por Jakobson. Para Peirce (1972), o signo ou *representamen* é uma entidade que “representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei fundamento do representâmen.” (PEIRCE, 1972, p. 46). Esse signo estabelecerá três tipos de relações distintas com o objeto que representa: ele poderá ser um *ícone* quando representa um determinado objeto por ter uma semelhança com ele; um *índice* quando se refere a um objeto e mantém uma relação existencial com ele; e por fim o *símbolo* quando um signo refere-se a um objeto por determinação de uma convenção ou regra geral. Segundo Fidalgo (1998),

a diferenciação e classificação dos signos em índices, ícones, símbolos e outros, explica-se pelas diferentes espécies de regras semânticas. Assim, a regra semântica de um signo indexical como o apontar estipula que o signo designa a qualquer momento aquilo que é apontado. Neste caso, o signo não caracteriza o que denota. Em contrapartida, ícones e símbolos caracterizam aquilo que designam. Se o signo caracterizar o objecto denotado por mostrar nele mesmo as propriedades que um objecto tem, como acontece com as fotografias, os mapas ou os diagramas químicos, então o signo é um ícone; se não for esse o caso, então trata-se de um símbolo (FIDALGO, p. 99, 1998).

Dessa forma, ao caracterizar os *embrayeurs* como pertencentes à classe dos símbolos-índices, Jakobson (2003) explicita que essa categoria linguística, ao mesmo tempo em que está associada ao seu referente por uma regra convencional, também é aquele que aponta para o objeto referido. O exemplo utilizado pelo autor para ilustrar essa dupla classificação é o pronome pessoal “eu”, que designa o locutor por intermédio de uma convenção, sendo que em diferentes códigos o mesmo sentido é atribuído a sequências de sons diferentes – I, je, ich – e ainda delimita seu referente, na medida em que se refere a um falante determinado no momento na enunciação. Em contrapartida,

<sup>3</sup> Os *embrayeurs* combinam as duas funções e pertencem assim à classe dos símbolos-índices. [...] de um lado, o signo “je” não pode representar um objeto sem lhe estar associado “por uma regra convencional”, e em códigos diferentes o mesmo sentido é atribuído a sequências diferentes, tais como “je”, “ego”, “ich”, “I”, etc. : pois “je” é um símbolo. Por outro lado, o signo “je” não pode representar seu objeto se ele não está “em uma relação existencial” com esse objeto: a palavra “je” designando o enunciador está em uma relação existencial com a enunciação, pois funciona como um índice [tradução minha].

<sup>4</sup> Nos trabalhos de Jakobson, C. S. Peirce é citado em vários artigos e parece ter exercido grande influência na teoria jakobsoniana. Para Jakobson, C.S. Peirce é “o autêntico e intrépido precursor da Linguística Estrutural” (cf. JAKOBSON, p. 31, s.d).

se pensarmos na categoria dos nomes próprios, é perceptível que eles mantêm uma relação existencial com seus portadores, sendo considerados, unicamente, como índices. Assim, acreditamos ser possível afirmar que Jakobson aceitava a ligação entre as palavras e as coisas em pelo menos duas categorias, a saber, os nomes próprios e os *embrayeurs*. Assim, se por um lado há uma aproximação entre a propriedade diferencial dos signos, por outro, há um distanciamento quando a relação entre linguagem e realidade é aceita.

### **Conclusão**

Com base no que foi explicitado no decorrer deste artigo, podemos afirmar que Jakobson (2003) estabelece as características dos chamados *embrayeurs* e também discorre sobre os nomes próprios no artigo “Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe”. Os *embrayeurs* seriam correspondentes aos dêiticos, ou termos indexicais e só seriam definidos por intermédio do seu contexto de uso, enquanto que os nomes próprios pertenceriam a uma classe distinta que teria como característica principal ser definida pelo código. Assim, acreditamos ser possível afirmar que Jakobson aceitava a ligação entre as palavras e as coisas em pelo menos duas categorias, a saber, os nomes próprios e os *embrayeurs*. Assim, se por um lado há uma aproximação entre a propriedade diferencial dos signos, por outro, há um distanciamento quando a relação entre linguagem e realidade é aceita.

Portanto, independentemente do nome ou da abordagem teórica utilizada, ao se considerar a língua como meio de comunicação do homem com o homem e do homem com o mundo, é plausível afirmar que, fundamentalmente, a relação de referência é estabelecida no sistema linguístico com a utilização das expressões indexicais e dos nomes próprios.

### **Referências bibliográficas**

BARBI, S. H. *A questão da referência na linguagem: das teorias clássicas à dispersão de discursos*. Campinas: Autores Associados, 2003.

GUINSBURG, J. *Círculo linguístico de Praga*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FIDALGO, A. As propriedades semânticas dos signos, in: *Biblioteca on-line de ciências da comunicação*. Universidade da Beira Interior, s.d.

JAKOBSON, R. Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe, in: *Essais de linguistique générale*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2003, p. 176-196.

\_\_\_\_\_. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, s.d.

\_\_\_\_\_. A linguagem comum dos linguistas e dos antropólogos (1952), in: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, s.d.

\_\_\_\_\_. Aspectos linguísticos da tradução (1959), in: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, s.d.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica e Filosofia*. Trad. Octanny S. da Mora e Leônidas He-  
genberg. São Paulo: Cultrix, 1972.

**Artigo recebido em 28/07/2011**

**Aceito para publicação em 29/09/2011**